

H. P. Blavatsky

O CARÁTER ESOTÉRICO DOS EVANGELHOS

Parte I

“ ... Dize-nos então quando serão essas coisas? E qual será o sinal de tua presença, e da consumação dos tempos?⁽¹⁾ – indagaram os Discípulos ao MESTRE, no Monte das Oliveiras.

A resposta dada pelo “Homem de Dores”, o Chrêstos, em seu julgamento, mas também seu caminho para o triunfo, como Christos ou Cristo⁽²⁾ é profética e muito sugestiva. É de fato uma advertência. A resposta deve ser citada na íntegra. Jesus disse a eles:

“Acautelai-vos que nenhum homem vos engane. Porque muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E ouvireis de guerras ... mas ainda não é o fim. Pois nação se levantará contra nação e reino contra reino; e haverá fomes e terremotos em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio das dores ... Muitos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos ... e então virá o fim ... quando vires a abominação da desolação de que falou o profeta Daniel ... Então, se alguém vos disser: O Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito ... Se vos

disserem: Ele está no deserto, não saias; veja, Ele está nas câmaras internas, não acrediteis neles. Porque assim como o relâmpago vem do oriente e é visto até no Ocidente, assim também será a presença do Filho do Homem, etc., etc..”

Duas coisas tornam-se evidentes *a todos* nas passagens acima, agora que sua falsa interpretação está corrigida no texto revisto: (a) “a vinda de Cristo” significa *a presença de* CHRISTOS num mundo regenerado e, de forma alguma, a vinda efetiva num corpo de “Cristo” Jesus; (b) este Cristo não deve ser buscado nem no deserto nem “nas câmaras internas” nem no santuário de qualquer templo ou igreja construídos por homens, porque Cristo – o verdadeiro SALVADOR esotérico – *não é um homem*, mas o PRINCÍPIO DIVINO em cada ser humano. Aquele que empenhar-se em ressuscitar o Espírito *crucificado nele por suas próprias paixões terrenas*, e enterrado profundamente no “sepulcro” de sua carne pecaminosa; aquele que tiver a força para empurrar *a pedra da matéria* da porta de seu próprio santuário interno, *tem Cristo ressurecto nele*.⁽³⁾ O “Filho do Homem” não é filho da mulher cativa *-a carne*, mas de fato da mulher livre - Espírito⁽⁴⁾, filho das próprias ações do homem, e fruto de seu próprio labor espiritual.

Por outro lado, em nenhum outro tempo desde a era Cristã, os sinais precursores descritos em *Mateus*, aplicam-se tão vívida e convincentemente a qualquer outra época quanto à nossa. Quando nação se levantou contra nação mais que nestes nossos dias? Quando as “fomes” - outro sinônimo para a destituída pobreza, e as famintas multidões do proletariado - foram mais cruéis, os terremotos mais freqüentes ou cobriram áreas tão grandes simultaneamente, quanto durante os últimos poucos anos? Milenaristas e Adventistas de fé arraigada podem continuar dizendo que “a vinda do (carnalizado) Cristo” está muito próxima, e preparam-se para “o fim do mundo”. Os Teósofos - pelo menos alguns deles - que compreendem o significado oculto dos universalmente esperados Avatares, Messias, Sosioshes e Cristos - sabem que não será o “fim do mundo” mas “a consumação dos tempos”, isto é, o fechamento de um ciclo, que está se aproximando rapidamente.⁽⁵⁾ Se nossos leitores se esqueceram das passagens que concluíam o artigo “Sinais dos Tempos”⁽⁶⁾ em LÚCIFER de Outubro último, que o leiam novamente e verão plenamente o significado deste ciclo particular.

Muitas e muitas vezes a advertência sobre os “falsos Cristos” e profetas que enganarão o povo têm sido interpretada por caridosos Cristãos, os adoradores da letra morta de sua escritura, como se se aplicassem aos místicos de maneira geral e especialmente aos Teósofos. O recente trabalho do Sr. Pember, “As Primeiras Eras da Terra” é uma prova disto. Entretanto, parece bastante evidente que as palavras no Evangelho de Mateus e outros dificilmente poderiam se aplicar aos Teósofos. Pois estes nunca saíram dizendo que Cristo está “Aqui” ou “Ali”, no deserto ou na cidade, e muito menos “nos recintos internos” atrás do altar de qualquer igreja moderna. Quer sejam Pagãos ou Cristãos de nascimento, eles recusam-se a materializar e degradar aquele que é o mais puro e maior ideal - o símbolo dos símbolos – isto é, o Espírito Divino imortal no homem, seja chamado de Hórus, Krishna, Buda ou Cristo. Nenhum deles até agora disse: “Eu sou o Cristo” pois os nascidos no Oriente sentem-se, até agora, apenas *Chrêstians*⁽⁷⁾ embora muito se empenhem em tornarem-se *Cristãos* em Espírito. É para esses que, em sua grande presunção e vaidade, recusam-se a adquirir o direito dessa apelação levando primeiramente a vida de *Chrêstos*⁽⁸⁾; a esses que arrogantemente proclamam-se *Cristão* (o glorificado, o ungido) pela única virtude do batismo quando têm apenas alguns dias de vida - que as palavras acima citadas de Jesus se aplicam, forçosamente. Pode a intuição profética daquele que proferiu esta notável advertência ser posta em dúvida por alguém que veja os numerosos “falsos profetas” e pseudo-apóstolos (*de Cristo*) que agora vagam pelo mundo? Estes dividiram a Verdade divina una em fragmentos e partiram, apenas no campo dos Protestantes, a rocha da Verdade Eterna em trezentos e cinquenta fragmentos diferentes que agora representam a parte principal de suas seitas divergentes. Aceitando o número redondo como 350, e admitindo, para efeito de argumentação, que, pelo menos uma delas possa ter a verdade aproximada, ainda assim 349 *devem ser necessariamente falsas*.⁽⁹⁾ Cada uma delas diz que Cristo está exclusivamente em “suas câmaras internas” e o nega às demais, enquanto que, de fato, a grande maioria de seus respectivos seguidores diariamente matam o Cristo na cruciforme árvore da matéria - a “árvore de infâmia” dos antigos Romanos.

A adoração da letra-morta na Bíblia é apenas mais uma forma de *idolatria*, nada mais. Um dogma fundamental de fé não pode existir sob uma forma de Janus de dupla face. O “Perdão” *por Cristo* não pode ser alcançado por escolha e capricho próprios, *tão pouco* por “fé” ou por “obras” e Tiago (II, 25), assim, contradizendo Paulo (Hebreus, XI, 31) e

vice-versa⁽¹⁰⁾, devendo um deles estar errado. Por esta razão, a Bíblia não é a “Palavra de Deus” mas contém, na melhor das hipóteses, as palavras de homens falíveis e instrutores imperfeitos. Entretanto, se lida *esotericamente*, ela contém, se não *toda* a verdade, contudo, “*nada mais que a verdade*”, qualquer que seja sua aparência alegórica. Apenas: *Quot homines tot Sententiae*.

O “princípio Crístico”, o desperto e glorificado Espírito da Verdade, sendo universal e eterno, o verdadeiro *Christos*, não pode ser monopolizado por nenhuma pessoa, ainda que essa pessoa tenha escolhido arrogar para si mesma o título de “Vigário de Cristo” ou de “Chefe” desta ou de outra religião Estatal. O espírito de “Chrêst” e “Christo” não podem estar confinados a nenhum credo ou seita, simplesmente porque essa seita escolheu exaltar-se acima dos chefes de todas as outras religiões ou seitas. O nome tem sido usado de forma tão intolerante e dogmática, especialmente em nossos dias, que o Cristianismo é agora a religião da arrogância *par excellence*, trampolim para a ambição, sinecura para opulência, impostura e poder; um disfarce conveniente para a hipocrisia. O nobre epíteto dos antigos, o que fez Justino o Mártir dizer que “*a partir de um mero nome, que nos é imputado como um crime, somos os mais excelentes*”,⁽¹¹⁾ está agora degradado. O missionário se orgulha da assim chamada *conversão* de um pagão, o que faz do Cristianismo uma *profissão*, mas dificilmente uma religião, uma fonte de rendimento para o fundo missionário, e um pretexto, uma vez que o sangue de Jesus os lavou a todos, por antecipação, de todos os pequeninos crimes, da bebedeira e mentira ao roubo. Esse mesmo missionário, entretanto, não hesitaria em condenar publicamente o maior dos santos à perdição eterna e aos fogos do inferno se esse santo homem apenas houvesse negligenciado em passar pela infrutífera e insignificante forma de batismo pela água com o acompanhamento de orações *insinceras* e ritualismo vão.

Dizemos “orações insinceras” e “ritualismo vão” intencionalmente. Poucos Cristãos entre os leigos são conscientes até mesmo do verdadeiro significado da palavra *Cristo*; e os do clero que porventura o conhecem (pois eles são criados com a idéia de que estudar tais assuntos é *pecaminoso*) mantêm a informação oculta de suas paróquias. Reivindicam uma fé cega e implícita, e *proíbem o questionamento como se fosse um pecado imperdoável*, embora nada do que leve ao conhecimento da verdade possa ser outra coisa que não

sagrado. Pois, o que é a “Sabedoria Divina”, ou *Gnosis*, se não a realidade essencial por trás das aparências evanescentes de objetos na natureza – a própria alma do LOGOS manifestado? Por que razão deveriam homens que se empenham em conseguir a união com uma eterna e absoluta Deidade estremecer à idéia de espreitar seus mistérios - ainda que sejam assombrosos? Por que, acima de tudo, deveriam usar nomes e palavras que são um mistério selado para eles mesmos - um mero som? Será porque uma Instituição inescrupulosa e sequiosa de poder chamada Igreja gritou “Cuidado! Lobo!” a cada uma dessas tentativas e, denunciando-as como “blasfêmias”, tentou matar o espírito de indagação? Mas a Teosofia, a “Sabedoria Divina” sempre prestou atenção a estes chamados e tem coragem de suas opiniões. O mundo de céticos e fanáticos podem chamá-la, alguns - de um vazio “ismo” - outros “Satanismo” - mas nunca poderão esmagá-la. Os Teósofos já foram chamados de Ateus, odiadores da Cristandade, inimigos de Deus e dos deuses. Não são nada disso. Assim, concordaram atualmente em publicar uma declaração clara de suas idéias e uma profissão de sua fé - relativamente ao monoteísmo e Cristandade - e colocar-la diante do leitor imparcial a fim de que ele as julgue e a seus detratores, baseado nos méritos de suas respectivas fés. Nenhuma mente amante da verdade se oporia a um procedimento tão honesto e sincero, nem esse propósito seria ofuscado por qualquer quantidade de nova luz atirada sobre o assunto, por mais que o deixe assustado. Ao contrário, essas mentes agradecerão a LÚCIFER, talvez, enquanto aqueles de quem se disse “*qui vult decipi dicipiatur*” - continuarão enganados de todas as formas!

Os editores desta revista propõem-se a publicar uma série de ensaios sobre o significado oculto ou esotérico do “Novo Testamento”. A Bíblia, assim como qualquer outra escritura das grandes religiões mundiais, não pode ser excluída dessa classe de escritos alegóricos e simbólicos que têm sido, desde idades pré-históricas, o receptáculo dos ensinamentos secretos dos Mistérios de Iniciação sob uma forma mais ou menos velada. Os primitivos escritores da *Logia* (agora os Evangelhos) certamente conheciam a verdade e toda a verdade, mas seus sucessores possuíam, certamente, apenas dogma e forma, que os levou a um poder hierárquico em seu coração ao invés de conduzi-los ao espírito dos assim chamado ensinamentos de Cristo. Daí a perversão gradual. Como disse G. Higgins sabiamente na Cristologia de São Paulo e Justino o Mártir, temos a religião esotérica do

Vaticano, um Gnosticismo refinado para os cardeais e um mais grosseiro para o povo. É o último, apenas um pouco mais materializado e desfigurado, que atingiu nossos tempos.

A idéia de escrever esta série nos foi sugerida por uma certa carta publicada em nosso número de Outubro sob o título de “São contraditórios os Ensinamentos atribuídos a Jesus?” Devemos acrescentar, entretanto, que não vai aqui nenhuma tentativa de contradizer ou enfraquecer, em hipótese alguma, o que foi dito pelo Sr. Gerald Massey em sua crítica. As contradições apontadas pelo eminente conferencista e autor são muito evidentes para serem explicadas satisfatoriamente por qualquer “Sacerdote” ou defensor da Bíblia; pois o que ele disse – apenas numa linguagem mais sucinta e vigorosa – é o que foi dito sobre o descendente de Joseph Pandira (ou Pantera) em *Isis Unveiled* (Ísis Sem Véu) (vol. II, pág. 201), citando o *Sepher Toldos Jeshu* Talmúdico. Sua crença em relação ao caráter espúrio da Bíblia e do Novo Testamento, *como agora estão editados*, é portanto, também a crença da presente escritora. Relativamente à recente revisão da Bíblia e seus muitos milhares de erros, enganos de traduções e interpolações (algumas confessadas, outras não), ficaria mal a um oponente censurar alguém por recusar-se a acreditar nos textos autorizados.

Mas os presentes editores fariam objeção a uma pequena frase na crítica em questão. O Sr. Gerald Massey escreve:

“Qual a razão de se tomar o seu “Juramento Sobre a Bíblia” a respeito da veracidade de alguma coisa, se o livro sobre o qual se está jurando é um depósito de falsidades já explodidas ou a ponto de explodir?”

Certamente não seria um simbologista dos poderes e erudição do Sr. G. Massey que chamaria ao “Livro dos Mortos”, ou aos Vedas, ou a qualquer outra Escritura antiga de “depósito de falsidades”.⁽¹²⁾ Por que não olhar sob a mesma luz de todos os outros, o Velho, e, *ainda em maior medida*, o Novo Testamento?

Todos estes são “depósitos de falsidades” se aceitos a partir da letra-morta das interpretações exotéricas de seus antigos, e especialmente seus modernos, glossaristas teológicos. Cada um desses registros tem servido, por sua vez, como meio de assegurar poder e sustentar a ambiciosa política de um clero inescrupuloso. Todos promoveram a

superstição, todos fizeram seus deuses sedentos de sangue e para sempre condenados Molochs e demônios, como todos fizeram que nações servissem aos últimos mais do que ao Deus da Verdade. Mas enquanto dogmas astuciosamente planejados e más interpretações intencionais feitas por escoliastas, são, acima de qualquer dúvida, “falsidades já explodidas”, os textos em si são minas de verdades universais. Mas para o mundo de profanos e pecadores, de qualquer forma - eles eram e ainda são como os misteriosos caracteres traçados pelos “dedos da mão de um homem” na parede do Palácio de Belshazzar: *eles precisam um Daniel para os ler e os interpretar.*

Entretanto, a VERDADE não permitiu a si mesma permanecer sem testemunhas. Há, além de grandes Iniciados em simbologia na forma das escrituras, um número de silenciosos estudiosos dos mistérios ou esoterismo arcaico, de peritos eruditos conhecedores de Hebraico e de outras línguas mortas, que devotaram suas vidas a desvendar os enigmas dos discursos da Esfinge das religiões do mundo. E esses estudiosos, embora nenhum deles tenha ainda dominado as “sete chaves” que franqueiam o grande problema, descobriram o suficiente para poderem dizer: *Havia* uma linguagem de mistério universal, na qual todas as Escrituras do Mundo foram escritas, dos *Vedas* à Revelação, do Livro dos Mortos aos *Atos*. De qualquer forma, uma das chaves - a chave numérica e geométrica⁽¹³⁾ da Linguagem dos Mistérios está agora resgatada; uma linguagem antiga, de fato, que até nossos dias permanecia oculta, mas cujas evidências existem em abundância, como pode ser provado por inegáveis demonstrações matemáticas. Se, de fato, a Bíblia é impelida à aceitação do mundo com seu significado em letra-morta, em face às modernas descobertas feitas por Orientalistas e aos esforços de estudiosos independentes e cabalistas, é fácil profetizar que mesmo as atuais novas gerações da Europa e América a repudiarão, como o fizeram todos os materialistas e lógicos. Pois, quanto mais se estuda os textos religiosos antigos, mais se descobre que a base fundamental do Novo Testamento é a mesma dos *Vedas*, da teogonia Egípcia e das alegorias dos Mazdeístas. As expiações por meio de sangue - pactos de sangue e transferência de sangue dos deuses para homens e por homens, como sacrifícios aos deuses - são as primeiras notas-chaves que ressoam de toda cosmogonia e teogonia; alma, vida e sangue eram sinônimos em todas as línguas, preeminentemente entre os Judeus; e essa dádiva de sangue significava dádiva de vida. “Muitas lendas entre nações estrangeiras (geograficamente) atribuem alma e consciência à

humanidade recentemente criada com o sangue dos deuses-criadores.” Berossus registra uma lenda Caldaica atribuindo a criação de uma nova raça da humanidade à mistura de poeira ao sangue que escorria da cabeça decepada do deus Belus. “Por esse motivo é que os homens são racionais e participam do conhecimento divino,” explica Berossus.⁽¹⁴⁾ E Lenormant mostrou (*Primórdios da História*, pág. 52, nota) que “os Órficos ... disseram que a *parte imaterial do homem, sua alma* (sua vida) surgiu do sangue de Dionízio Zagreu, que ... os Titans partiram em pedaços.” O Sangue “revivifica os mortos” – isto é, interpretado metafisicamente, dá vida consciente e uma alma ao homem de matéria ou argila – tais como os modernos materialistas são hoje. O significado místico da exortação: “Na verdade eu vos digo, a não ser que *comeis a carne* do Filho do homem e *bebeis seu sangue*, não tereis vida em vos mesmos,” etc., não pode nunca ser compreendida ou apreciada em seu verdadeiro valor oculto, exceto por aqueles que possuam uma das sete chaves, e também que se preocupem pouco com S. Pedro.⁽¹⁵⁾ Estas palavras, quer tenham sido ditas por Jesus de Nazaré, ou por Jeoshua Ben-Panthera, são as palavras de um INICIADO. Devem ser interpretadas com a ajuda de *três* chaves - uma que abre a porta *psíquica*, a segunda que abre a porta da fisiologia e a terceira que descerra o mistério do ser terreno, desvelando a combinação inseparável da teogonia com antropologia. Foi por revelar algumas destas verdades com a *única intenção de salvar a humanidade intelectual das insanidades do materialismo e pessimismo*, que os místicos têm freqüentemente sido denunciados como servos do Anticristo, mesmo pelos Cristãos mais dignos, sinceramente piedosos e respeitáveis.

A primeira chave que se deve usar para elucidar os obscuros segredos que envolvem o místico nome de Cristo, é a chave que descerra a porta aos antigos mistérios dos primitivos Arianos, Sabeanos e Egípcios. A Gnosis, suplantada pelo esquema Cristão era universal. Era o eco da religião-sabedoria primordial que havia sido, outrora, a herança da totalidade da espécie humana; e, portanto, pode-se verdadeiramente dizer que, em seu aspecto puramente metafísico, o Espírito de Cristo (o logos divino) esteve presente na humanidade desde seu início. O autor das Homilias Clementinas está certo, o mistério de Christos - que agora supõe-se ter sido ensinado por Jesus de Nazaré – “era idêntico” àquele que *primeiramente* era comunicado “*aqueles que eram merecedores*”, como citado em outra conferência.⁽¹⁶⁾ Podemos entender no Evangelho *segundo* Lucas que “merecedores”

eram aqueles que haviam sido iniciados nos mistérios da Gnosis e que eram “considerados merecedores” de alcançarem a “ressurreição dos mortos” *nesta vida* ... “aqueles que sabiam que não poderiam mais morrer sendo igual aos anjos como filhos de Deus e filhos da Ressurreição”. Em outras palavras, eram os grandes adeptos *de qualquer religião* e as palavras se aplicam a todos aqueles que, sem serem Iniciados, empenham-se e conseguem, através de esforços pessoais, *viver a vida* e atingir a iluminação espiritual que naturalmente resulta da fusão da personalidade (o “Filho”) com (o “Pai,”) seu Espírito divino individual, *o Deus interno*. Esta “ressurreição” jamais poderá ser monopolizada pelos Cristãos, pois é um direito de nascença de todo ser humano dotado de alma e espírito, qualquer que seja sua religião. Esse indivíduo é um *homem-Cristo*. Por outro lado, os que optam por ignorar o Cristo (princípio) dentro de si mesmos, deverão morrer como *pagãos não-regenerados* - não obstante o batismo, sacramentos, orações insinceras e crenças em dogmas.

A fim de seguir esta explicação, o leitor deve ter em mente o real significado arcaico do jogo de palavras (*paranomasia*) envolvido nos dois termos: *Chrêstos* e *Christos*. O primeiro certamente significa algo mais que “um bom” e “excelente” homem, ao passo que o último nunca foi aplicado a nenhum homem vivente mas a todo Iniciado no momento de seu *segundo nascimento e ressurreição*.⁽¹⁷⁾ Aquele que encontra o Cristo dentro de si mesmo e reconhece a ele como seu único “caminho”, torna-se um seguidor e um *Apóstolo de Cristo*, ainda que ele nunca tenha sido batizado, ou mesmo encontrado um “Cristão”, muito menos chamar a si mesmo “Cristão”.

H.P.B. Lucifer, Novembro, 1887

Notas:

1 Mateus XXIV, 3, *et seq.* As palavras em itálico são as que foram corrigidas no Novo Testamento, após a recente revisão em 1881 da versão de 1611 que se encontra cheia de erros, voluntários e involuntários. A palavra “presença” ao invés de “vinda” e “consumação dos tempos” ao invés de “fim do mundo”, alteraram, há pouco tempo, todo o significado do texto, mesmo para os mais sinceros Cristãos, se excetuarmos os Adventistas.

2 Aquele que não ponderar e não dominar a grande diferença existente entre o significado das duas palavras gregas chrêstos e christos permanecerá para sempre cego ao verdadeiro significado esotérico dos Evangelhos; isto é, ao Espírito vivo sepultado sob a estéril letra-morta dos textos, o verdadeiro fruto do Mar Morto da *insincera* Cristandade.

3 Pois vos sois o templo (“santuário” no Novo Testamento *revisado*) do Deus vivo. (2 Cor. VI, 16.)

4 O Espírito, ou Espírito Santo, era feminino entre os Judeus, assim como entre os povos mais antigos e também entre os primeiros Cristãos. *Sophia* dos Gnósticos e a terceira Sephiroth Binah (o Jeová *feminino* dos Kabalistas) são princípios femininos – “Espírito-Divino” ou Ruach. “*Achath Ruach Elohim Chiim.*” “A Unidade é *Ela*, o Espírito do Elohim da Vida”, é dito em “Sepher Yeziah”.

5 Há vários ciclos dignos de nota que terminam no fim deste século. Primeiramente, os 5.000 anos do ciclo de Kaliyuga; depois o ciclo Messiânico dos Judeus Samaritanos (também Kabalísticos) do homem relacionado com Peixes (Ichthys ou *Dag* “Pescador”). Este é um ciclo, histórico e não muito longo, mas muito oculto, com duração de aproximadamente 2.155 anos solares, mas que tem um significado verdadeiro apenas quando computado em meses lunares. Ocorreu em 2410 e 255 A. C., ou quando o equinócio entrou no signo de *Áries* e novamente quando entrou no signo de *Peixes*. Quando entrar, dentro de mais alguns anos, no signo de *Aquário*, os psicólogos terão algum trabalho extra a fazer, e as idiossincrasias psíquicas da humanidade mudarão muito.

6 Ver Volume II, pág. 381.

7 O mais antigo escritor Cristão, Justino o Mártir, chama, em sua primeira Apologia, seus correligionários de *Chrêstians*, [Chrestiano] - e *não* de Cristãos.

8 “Clemens Alexandrinus, no segundo século, encontra um sério argumento sobre esta paranomasia (lib. III, cap. XVII, pág. 53 *et circa*) de que todos aqueles que acreditavam em Chrêst (isto é, “um bom homem”) são, e são chamados Chrêstians, isto é, bons homens,” (Stromata, lib. II; Anacalypsis de Higgins). E Lactantius (lib. IV, cap. VII) diz que é apenas por *ignorância* que as pessoas se chamam Cristãos ao invés de Chrêstians: “*qui propter ignorantium errorem cum immutata litera Chrestum solent dicere*”.

9 Apenas na Inglaterra existem 239 seitas diferentes. (Ver o Almanaque de Whitaker). Em 1883 havia apenas 186 denominações e agora elas crescem rapidamente a cada ano, tendo surgido mais cinquenta e três seitas em apenas quatro anos!

10 É bom notar em relação a S. Paulo que esta contradição deve-se seguramente a alguma falsificação posterior em suas Epístolas. Paulo era um Gnóstico, isto é, um “Filho da Sabedoria” e Iniciado nos verdadeiros *mistérios* do *Christos*, embora possa ter proclamado (ou ter sido feito parecer assim) contra algumas seitas Gnósticas, que eram muitas em seus dias. Mas seu *Christos* não era Jesus de Nazaré, nem qualquer homem vivente, como mostrou tão habilmente o Sr. Gerald Massey em sua conferência: “Paulo, o Oponente Gnóstico de Pedro”. Ele era um Iniciado, um verdadeiro “Mestre Construtor” ou adepto, como foi descrito em *Isis Unveiled* (*Isis Sem Véu*), vol. II, págs. 90-91.

11 [*hoson te ek tou kategoreumenou hemon onomatos chrestotatoi huparchomem*] (Primeira Apologia).

12 A extraordinária quantidade de informação coletada por esse fabuloso Egíptólogo mostra que ele dominou completamente o segredo da produção do Novo Testamento. O Sr. Massey conhece a diferença entre o *Christos* espiritual, divino, e puramente metafísico e a “figura leiga” construída do Jesus carnalizado. Ele sabe também que o cânone Cristão, especialmente os *Evangelhos*, *Atos* e *Epístolas* foram feitos de fragmentos da sabedoria gnóstica, cujo fundamento é pré-Cristão e está construído sobre os MISTÉRIOS da Iniciação. É o modo de apresentação teológica e passagens interpoladas - tais como em Marcos, XVI, do verso 9 até o final - que torna os Evangelhos um “depósito

de (*perversas*) falsidades”, e maculam o CHRISTOS. Mas o ocultista que discerne entre as duas correntes (a gnóstica verdadeira e a pseudo Cristã) sabe que as passagens livres de adulterações teológicas pertencem à sabedoria arcaica e assim também discerne o Sr. Gerald Massey, embora seus pontos de vista divirjam dos nossos.

13 “A chave para a recuperação da linguagem, no que diz respeito aos esforços do escritor, foi encontrada, e é estranho dizer, no uso da razão integral nos números do diâmetro para a circunferência de um círculo, descoberta por um geômetra”. “Esta razão é 6.561 para o diâmetro e 20.612 para a circunferência” (Manuscrito Kabalístico). Em um dos futuros números de LÚCIFER mais detalhes serão dados a este respeito com a permissão do descobridor. Ed.

14 *Antigo Fragmento* de Cory, pág. 59. f. O mesmo fazem Sanchoniaton e Hesíodo quando ambos atribuem a *vivificação* da humanidade ao partilhado sangue dos deuses. Mas sangue e alma são um (*nephesh*), e o sangue dos deuses significa aqui alma animada.

15 A existência dessas *sete* chaves é admitida virtualmente, devendo-se a uma profunda pesquisa de tradições egíptológicas, feitas novamente pelo Sr. G. Massey. Apesar de opor-se aos ensinamentos do “Budismo Esotérico” - infelizmente mal interpretado por ele em quase todos os aspectos - ele escreve o seguinte em sua conferência a respeito de “The Seven Souls of Man” (pág. 21) (As Sete Almas do Homem):

“Este sistema de pensamento, este modo de representação, este setenário de poderes, em vários aspectos, foi estabelecido no Egito há pelo menos sete mil anos atrás, como apreendemos de certas alusões a Atum [o deus ‘no qual a paternidade estava individualizada como o *progenitor de uma alma eterna*’, o sétimo princípio dos Teósofos] encontrado posteriormente em inscrições descobertas em Sakkarah. Digo em vários aspectos, *porque a gnosis dos Mistérios era, pelo menos, sétupla em sua natureza* - Elemental, Biológica, Elementar (humana), Estelar, Lunar, Solar e Espiritual - e *nada menos que a compreensão do sistema inteiro poderá possivelmente nos habilitar a discriminar as várias partes, distinguir uma da outra e determinar quais e o que são, à medida que tentarmos seguir o Sete simbólico através de suas várias fases de caracteres.*”

16 “Gnostic and Historic Christianity” (Cristandade Gnóstica e Histórica).

17 “Em verdade, eu vos digo: a menos que um homem *nasça novamente* ele não pode ver o reino de Deus.” (João III. 4) Aqui, o nascimento *do alto*, o nascimento espiritual, é indicado, sendo alcançado na suprema e última iniciação.

Parte II

A palavra Chrestos existia muito antes de se ouvir falar em Cristandade. Foi usada desde o século quinto A. C. por Heródoto, Ésquilo e outros escritores gregos, tendo seu significado sido aplicado tanto a coisas como a pessoas.

Assim, em Ésquilo (Coro 901) lemos a respeito de *Pythochresta*, os “oráculos concedidos por um Deus Pítio” (léxico Grego-ínglês) através de uma pitonisa; e *Pythocrestos* é o nominativo singular de um adjetivo derivado de *chrao* (Eurípedes, *Ion*, 1218). Os significados posteriores, aplicados livremente a partir desse significado original, são numerosos e variados. Os clássicos pagãos expressavam mais de uma idéia pelo verbo *chraomai* “consultando um oráculo”; pois ele também significa “fadado”, *condenado* por um oráculo, no sentido de se tornar uma *vítima sacrificial submetida a seu decreto* ou – “à PALAVRA”; uma vez que *chresterion* não significa apenas “lugar de um oráculo” mas também “uma oferenda para ou pelo oráculo”.⁽¹⁸⁾ *Chrestes*, é aquele que expõe ou explica oráculos, “um *profeta*, um *vidente*”;⁽¹⁹⁾ e *Chresterios*, é aquele que pertence a ou está a serviço de um oráculo, um deus ou um “Mestre”⁽²⁰⁾; a pesar dos esforços de Canon Farrar.⁽²¹⁾

Tudo isto é evidência de que os termos Cristo e Cristãos, originalmente grafados como *Chrest* e *Chrestians*, (*chrestianoí*),⁽²²⁾ foram diretamente emprestados da terminologia dos Templos dos Pagãos e significam a mesma coisa. O Deus dos Judeus foi agora substituído pelo Oráculo e outros deuses; a designação genérica “*Chrestos*” tornou-se um substantivo aplicado a uma personagem em especial e novos termos como *Chrestianoí* e *Chrestodoulos* “um seguidor ou servo de Chrestos” - foram cunhados a partir de um velho material. Isto nos é mostrado por Fílon Judeu, um monoteísta, seguramente, que já usa o mesmo termo para propósitos monoteístas. Pois ele fala a respeito de *theochrestos* “Deus-declarado” ou aquele que é declarado por Deus, e de *logia theochresta* “declarações comunicadas por Deus” - o que vem provar que ele escreveu numa época (entre o primeiro século A.C. e o primeiro A.D.) em que nem Christians (Cristãos) nem Chrestians eram ainda conhecidos por esses nomes, mas que ainda chamavam a si mesmos de Nazarenos. A notável diferença entre as duas palavras *chrao* “consultando ou obtendo uma resposta de

um deus ou oráculo” (*chreo* sendo sua mais antiga forma iônica) - e *chrío* “esfregar, ungir” (de onde a palavra *Christos*), não impediu a adoção e cunhagem eclesiástica a partir da expressão de Philo *Theochrestos*, daquele outro termo *Theochristos* “ungido por Deus”. Assim a silenciosa substituição da letra [e] por [i] por razões dogmáticas foi executada de forma muito fácil, como agora vemos.

O significado secular de *Chrestos* percorre toda a literatura clássica grega *pari pasu* como aquele que lhe foi dado nos mistérios. A expressão de Demóstenes “o *Chreste*” (330, 27) quer dizer simplesmente “bom companheiro”; Platão (em Fédon 264 B) diz *chrestos ei hoti hegei* “és um excelente companheiro para pensar ...” Mas na esotérica fraseologia dos templos, “*chrestos*”,⁽²³⁾ palavra que, como o particípio *Chrestheis*, é formada sob a mesma regra e exprimem o mesmo sentido do verbo *chraomai* (“consultar um deus”) responde ao que chamaríamos de adepto, também um elevado *chela*, discípulo. É neste sentido que é usada por Eurípedes (Ion, 1320) e por Ésquilo (l.C.). Esta qualificação era aplicada àqueles que o deus, oráculo ou qualquer superior havia proclamado isto, aquilo ou qualquer outra coisa. Pode-se citar um exemplo.

As palavras *chresen oikistera* usadas por Píndaro (págs. 4-10) significam “o oráculo proclamou-o colonizador”. Neste caso o gênio da linguagem grega permite que o homem assim proclamado seja chamado *Chrestos*. Por esta razão o termo foi aplicado a todo Discípulo reconhecido por um Mestre, e também a todo bom homem. Mas a língua grega propicia estranhas etimologias. A teologia cristã escolheu e decretou que o nome *Christos* deveria ser tomado como derivado de *chrío*, *Chriso*, “ungido com unguentos perfumados ou óleo”. Mas esta palavra possui vários significados. É usada por Homero aplicando-se, certamente, ao ato de esfregar o corpo com óleo após o banho (*Ilíada*, 23, 186, e também em *Odisséia* 4, 252) como outros antigos escritores o fizeram. Entretanto, a palavra *Christes* significa de preferência *conciliador*, enquanto a palavra *Chrestes* significa sacerdote e profeta, termo muitíssimo mais aplicável a Jesus que o de “Ungido” uma vez que, como Nork demonstra com base nos Evangelhos, ele jamais foi ungido, seja como rei seja como sacerdote. Em resumo, há um profundo mistério sob todo este esquema, que, como eu afirmo, apenas um completo conhecimento dos mistérios *Pagãos* é capaz de desvelar⁽²⁴⁾. Não é aquilo que os primeiros Patriarcas da Igreja, que tinham um objetivo a

atingir, possam afirmar ou negar, que é o ponto importante, mas sim o que é atualmente a evidência do que seja o real significado dado aos dois termos *Chrestos* e *Christos* pelos antigos nas eras pré-cristãs. Pois os últimos não tinham nenhum objetivo a alcançar e portanto nada a esconder ou desfigurar, e a evidência que apresentam é a mais segura das duas. Esta evidência pode ser adquirida primeiramente estudando-se o significado dado a essas palavras pelos clássicos e então buscar seu correto significado na simbologia mística.

Chrestos, como já dissemos, é um termo aplicado em vários sentidos. Qualifica tanto a Deidade quanto o Homem. É usado no primeiro sentido nos Evangelhos, como em Lucas (VI, 35), onde significa “gentil” e “misericordioso”, *chrestos estin epi tous ...*; em I Pedro (II, 3) onde está escrito “Gentil é o Senhor”, *Chrestos o kurios*. Por outro lado, Clemente de Alexandria a explica como significando apenas um bom homem, isto é, “Todos aqueles que acreditam em *Chrest* (um bom homem) o são ambos, e são chamados *Chrestians*, isto é, bons homens” (Estromatas. Liv. II). A reticência de Clemente, cuja Cristandade, como King verdadeiramente observa em seu “*Gnósticos*”, nada mais foi que um logro à provisão congênita de seu Platonismo original, é bastante natural. Ele era um Iniciado, um Neo-Platonista, antes de tornar-se Cristão e assim sendo, apesar de que tenha decaído muito em relação aos seus pontos de vista anteriores, não poderia exonerá-lo de seu voto de segredo. E como Teósofo e *Gnóstico*, alguém que *sabia*, Clemente deve ter sabido que *Christos* era “o CAMINHO”, ao passo que *Chrestos* era o viajante solitário em busca da meta final através daquela “Senda”, cuja meta era *Christos*, o glorificado Espírito da “VERDADE”, com cuja reunião a alma (o Filho) torna-se UM com o (Pai) Espírito. Que Paulo sabia disto é certo, pois suas próprias expressões o provam. Pois o que significam as palavras *palin odino, achris ou morphothei Christos*, ou, como aparecem nas traduções autorizadas, “Estou novamente em trabalho até que *Cristo esteja formado em vós*”, a não ser o significado esotérico que lhes atribuímos, isto é, “até que encontreis o *Christos* dentro de vós mesmos como vosso único ‘caminho’”. (Vide Gálatas, IV, 19 e 20).

Assim Jesus, seja de Nazaré ou de LüD,⁽²⁵⁾ foi um *Chrestos*, tão inegavelmente quanto jamais foi entitulado com o nome de *Christos* durante sua vida e antes de sua última provação. Pode ser como pensa Higgins, que suspeita que o primeiro nome de Jesus era, talvez, *chreistos*, o segundo *chrestos*, e o terceiro, *christos*. “A palavra *chreistos* esteve em

uso antes que o H (*eta* maiúsculo) existisse na língua.” Mas T. Taylor (em sua resposta a Pye Smith, pág. 113) é citado dizendo “O elogioso epíteto Chrest ... significava nada mais que um bom homem”.

Aqui novamente muitos escritores antigos podem ser citados para testemunhar que *Christos* (ou melhor, *Chreistos*) era, juntamente com *Chrestos*, um adjetivo aplicado aos Gentios antes da era Cristã. Diz-se em *Philopatris* que *ei tuchoi chrestos kai en ethnesin*, isto é, “se porventura houver chrestos mesmos entre os Gentios” etc.

Tertuliano denuncia no terceiro capítulo de sua *Apologia* que a palavra “Christianus” é originária de “interpretação astuciosa”⁽²⁶⁾; Dr. Jones, por outro lado, deixando de lado a informação, corroborada por boas fontes, de que “Chrestos era o nome dado a Cristo pelos Gnósticos e mesmo por aqueles que nele não acreditavam”, assegura-nos que o nome verdadeiro deveria ser *Christos* – assim repetindo e ratificando a “fraude piedosa” original dos primeiros Padres, fraude essa que levaria à carnalização de todo o sistema Cristão.⁽²⁷⁾ Mas proponho-me a mostrar todo o significado real desses termos, contanto que esteja dentro dos limites de meus humildes poderes e conhecimento. *Christos*, ou a “condição-de-Christo”, sempre foi sinônimo da “condição-Mahatmica”, isto é, a união do homem com o divino princípio nele. Como diz Paulo (*Efésios*, III, 17): “*katoikesai ton Christon dia tes pisteos en tais kardiais humon.*” “Para que possais encontrar *Christos* em seu homem interno através do conhecimento”, e não através da fé, como foi traduzido; pois *Pistis* significa “conhecimento” como será mostrado posteriormente.

Há ainda uma prova maior e mais convincente de que o nome *Christos* é pré-cristão. Esta prova pode ser encontrada na profecia da Sibila de Eritréia. Assim, nós lemos *Iesous Chrestos Theou Huios Soter Stauros*. Lidos esotericamente, esta porção de substantivos separados e sem significado, que nenhum sentido possuem para o profano, contém uma profecia real - só que não referente a Jesus - e um verso do catecismo místico do Iniciado. A profecia refere-se à vinda do Espírito de Verdade (*Christos*) à Terra, após cujo advento - que, uma vez mais, nenhuma relação tem com Jesus - começará a Idade de Ouro; o verso refere-se à necessidade existente antes de ser alcançada aquela abençoada condição interna (ou subjetiva) de teofania e teopneustia, para se passar pela crucificação da carne ou matéria. Lidas esotericamente, as palavras “*Iesous Chreistos theou huios soter*

stauros,” que literalmente significam “Jesus, Christos, Deus, Filho, Salvador, Cruz”, são ótimos elementos sobre os quais se construir uma profecia Cristã, mas esses elementos são *pagãos*, e não Cristãos.

Se me fosse pedido que explicasse o nome IESOUS CHREISTOS, a resposta seria: estude mitologia, as chamadas “ficções” dos antigos, e elas lhe darão a chave. Pondere sobre Apolo, o deus solar, e o “Curador”, e a alegoria sobre seu filho Jano (ou Ion), seu sacerdote em Delfos, através de quem os sacerdotes podiam alcançar os deuses imortais, e seu outro filho Asclépio, chamado de *Soter* ou Salvador. Eis aí um folheto de história esotérica escrita em fraseologia simbólica pelos velhos poetas gregos.

A cidade de Chriseia⁽²⁸⁾ (atualmente Crisa), foi construída por Apolo em memória de Kreusa (ou Creusa), filha do Rei Erechtheus e mãe de Jano (ou Ion) em memória do perigo de que Jano escapou⁽²⁹⁾. Sabemos que Jano, abandonado por sua mãe numa gruta “para esconder a vergonha da virgem que dera à luz a um filho”, foi encontrado por Hermes, que trouxe a criança a Delfos, alimentou-o perto do santuário e oráculo de seu pai, onde, sob o nome de *Chresis* Jano tornou-se primeiramente um *Chrestis* (um sacerdote, profeta ou Iniciado) e então quase um *Chresterion*, “uma vítima sacrificial”,⁽³⁰⁾ pronto a ser envenenado por sua própria mãe, que não o conhecia e que, em seu ciúme, o confundiu, devido a obscura insinuação do oráculo, com um filho de seu marido. Ele a perseguiu até o altar com intenção de matá-la - quando ela foi salva pela pitonisa que divulgou a ambos o segredo de seu relacionamento. Em memória desta salvação, Creusa, a mãe, construiu a cidade de Chriseia, ou Crisa. Eis a alegoria que simboliza simplesmente as provas de Iniciação.⁽³¹⁾

Descobrimos então que Jano, o Deus Solar, e filho de Apolo, o Sol, significa o “Iniciador” e o “Que Abre a Porta de Luz” ou sabedoria secreta dos mistérios, nasceu de Crisa (esotericamente *Chris*) e que era um *Chrestos* através de quem falava o Deus; que ele era finalmente Ion, pai dos Ionianos, e, dizem alguns, um *aspecto* de Asclépio, outro filho de Apolo, é fácil encontrar o fio de Ariadne neste labirinto de alegorias. Este não é o lugar, entretanto, de se promoverem debates sobre mitologia. É suficiente mostrar a relação existente entre os caracteres míticos de respeitável antiguidade e as fábulas mais recentes que marcaram o início de nossa era de civilização. Asclépio (Esculápio) foi o médico

divino, o “Curador”, o “Salvador” (*Soter*), como era chamado, título este também dado a Jano de Delfos; e IASO, a filha de Asclépio era a deusa da cura, sob cuja proteção estavam todos os candidatos à iniciação no templo de seu pai, os noviços ou *chrestoi*, e eram chamados de “filhos de Iaso”. (*Vide* em relação ao nome, “Pluto”, de Aristófanos, 701.)

Agora, se nos lembrarmos, primeiramente, que os nomes de IESUS em suas diferentes formas, tais como Iasius, Iasion, Jason e Iasus, eram muito comuns na Grécia antiga, especialmente entre os descendentes de Jasius (os Jasides), assim como também o número de “filhos de Iaso”, os *Mystoi* e futuros Epopitai (Iniciados), por que não deveriam as palavras enigmáticas no Livro Sibilino serem lidas à luz verdadeira, isto é, não tendo nenhuma relação com uma profecia Cristã? A doutrina secreta ensina que as duas primeiras palavras *IESOUS CHREISTOS* significavam apenas “filho de Iaso, um Chrestos”, ou Servo do Deus oracular. De fato, IASO é no dialeto lônico *IESO* e a expressão Iesous - em sua forma arcaica, Iesous - significa simplesmente “o filho de Iaso ou *Ieso*”, o “curador”, isto é, ho Iesous (uios). Nenhuma objeção, certamente, pode ser feita a essa interpretação ou ao nome ser escrito *Ieso* ao invés de *Iaso* uma vez que a primeira forma é *ática* e por isso incorreta, pois o nome é ionico. “Ieso” do qual “Ho Ieosous” (filho de Ieso) - isto é, um genitivo e não nominativo - é *ionico* e não pode ser outra coisa, se levarmos em consideração a época do Livro Sibilino. Nem poderia Sibila de Eritréia tê-lo escrito originalmente de outra forma, uma vez que Eritréia, onde residia, era uma cidade na Ionia (de Ion ou Jano) do outro lado de Chios, e a forma ionica precedeu a forma *ática*.

Deixando de lado neste caso a significação mística da ora famosa sentença Sibilina e dando-lhe apenas sua interpretação literal, com base em tudo o que foi dito, as até aqui palavras misteriosas deveriam ser: “Filho de IASO, CHRESTOS (o sacerdote ou servo) (do) FILHO de (o) DEUS (Apolo) o SALVADOR da CRUZ” - (de carne ou matéria).⁽³²⁾ Verdadeiramente, a Cristandade jamais poderá ter esperanças de ser compreendida até que todo traço de dogmatismo seja retirado dela e a letra morta sacrificada ao eterno Espírito da Verdade, que é Hórus, que é Chrisna, que é Buda, tanto quanto é o Christos Gnóstico e o verdadeiro Cristo de Paulo.

Em “*Viagens* do Dr. Clarke”, o autor descreve um monumento pagão descoberto por ele.

Dentro do santuário, atrás do altar, vimos fragmentos de uma *cátedra de mármore*, sobre o espaldar da qual encontramos a seguinte inscrição, exatamente como aqui a transmitimos, não tendo sido dela retirada ou obliterada parte alguma, proporcionando talvez o único exemplo conhecido de inscrição tumular sobre um monumento de forma tão memorável.

A inscrição é a seguinte: *CHRESTOS PROTOS THESSALOS LARISSAIOS PELASGIOTES ETON IH*, ou “Chrestos, o primeiro Tessalonisense de Larissa, Pelásguia, Herói de 18 anos de idade”, por que Chrestos o *primeiro (protos)*? Lida literalmente a inscrição pouco sentido tem; interpretada esotericamente é prenhe de significado. Como mostra o Dr. Clarke, a palavra Chrestos é encontrada nos epitáfios de quase todos os antigos habitantes de Larissa, mas sempre precedida de um nome próprio. Tivesse o adjetivo Chrestos aparecido após um nome, significaria apenas “um bom homem”, elogio póstumo prestado ao defunto, igual ao encontrado em nossos modernos epitáfios tumulares. Mas a palavra Chrestos aparecendo sozinha e a outra palavra, “protos”, a seguir, dá-lhe um significado muito diferente, especialmente quando o falecido é designado como “herói”. Para a mente de um Ocultista, o defunto era um neófito que havia morrido em seu 18º ano de *neofitismo*,⁽³³⁾ e permaneceu na primeira ou mais elevada classe de discipulado, tendo passado em seus julgamentos preliminares como “herói”, mas morrera antes do último mistério, que o teria transformado em um “Christos”, um *ungido*, em alguém com o espírito de Christos ou Verdade dentro de si. Ele não alcançara o fim do “Caminho”, embora tivesse heroicamente conquistado os horrores das provas teúrgicas preliminares.

Temos toda a justificação de ler a inscrição desta maneira, após saber o local onde o Dr. Clarke descobriu a placa, que estava, como assinala Godfrey Higgins, lá, “onde eu esperava encontrá-la, em Delfos, no templo do Deus IE”, que, entre os Cristãos tornou-se Jah ou Jehovah, um com Cristo Jesus. Estava ao pé do Parnaso, num ginásio, “junto à fonte Castália, que fluía pelas ruínas de Crisa, provavelmente a cidade chamada Crestona”, etc. E continua. “Na primeira parte de seu curso a partir da fonte (Castália) ele (o rio) separa o que restou do ginásio ... do vale de Castro”, como provavelmente o fazia da velha cidade de Delfos – “a sede do grande oráculo de Apolo, da cidade de Krisa (ou Kreusa) o grande

centro de iniciações e dos *Chrestoi* dos decretos dos oráculos, onde os candidatos para o último *labor* eram ungidos com óleos sagrados⁽³⁴⁾ antes de serem lançados em seu último transe com a duração de quarenta e nove horas (como acontece até hoje no Oriente) do qual ressurgiam como adeptos glorificados ou *Christoi*".

Nas "Reconhecimentos Clementinas", declara-se que o pai ungiu seu filho com "óleo que era tirado da madeira da Árvore da Vida e que, a partir desta unção, ele passava a chamar-se o Cristo" de onde provém o nome Cristão. Isto novamente vem do Egito. Hórus foi o filho ungiu do pai. O modo de ungi-lo com óleo retirado da Árvore da Vida, retratado nos monumentos é bastante primitivo de fato; e o Hórus do Egito foi continuado no Cristo Gnóstico, que é reproduzido nas pedras gnósticas como o elo intermediário entre o Karest e o Cristo, como também o Hórus de ambos os sexos. "The Name and Nature of the Christ" (*O Nome e Natureza do Cristo* – Gerald Massey.)

O Sr. G. Massey relaciona o Christos ou Cristo grego com o *Karest* egípcio, a "múmia da imortalidade" e o prova de maneira bastante convincente. Ele começa dizendo que em egípcio a "Palavra de Verdade" é *Ma-Kheru*, e que este é o título de Hórus. Portanto, como ele mostra, Hórus precedeu a Cristo como o Mensageiro da Palavra de Verdade, o Logos, ou o manifestador da natureza divina na humanidade. No mesmo artigo ele escreve o seguinte:

A Gnosis teve três fases - astronômica, espiritual e doutrinal e todas as três podem ser identificadas com o Cristo do Egito. Na fase astronômica a constelação de Orion é chamada de *Sahu* ou *múmia*. A alma de Hórus foi representada como erguendo-se dos mortos e ascendendo ao céu nas estrelas de Orion. A imagem-múmia foi a preservada, a salva, e portanto um retrato do Salvador, como um tipo de imortalidade. Foi a figura de um homem morto que, como nos dizem Plutarco e Heródoto, foi conduzida a um banquete egípcio onde os convidados eram incitados a olhar para

ela e comer e beber e mostrarem-se felizes porque quando morressem tornar-se-iam o que a imagem simbolizava – isto é, eles também seriam imortais! Este tipo de imortalidade foi chamada *Karest* ou *Karust* e era o Cristo Egípcio. *Kares* significa embalsamar, ungir, fazer a Múmia como um tipo do eterno; e, quando tudo houvesse sido realizado, era chamada de *Karest*, de tal forma que não é meramente uma questão de nome por nome, *Karest* por *Cristo*.

Esta imagem do *Karest* foi envolvida num tecido sem costuras, a própria vestimenta do Cristo! Não importava o comprimento do tecido, e algumas das bandagens em que as múmias estavam envoltas chegavam a medir 1000 jardas de comprimento sem que houvesse uma única costura do começo ao fim ... Ora, esta vestimenta sem costuras do *Karest* egípcio é uma figura bastante reveladora do Cristo místico, que toma-se histórico nos Evangelhos como aquele que usou um manto ou túnica feita sem costura alguma que, nem os gregos nem os hebreus, explicam inteiramente, mas que é explicada pelo egípcio *Ketu*, que significa urdidura, e pelos mantos e bandagens sem costuras feitas para uso eterno e usadas pelo Cristo-Múmia, a imagem de imortalidade nas tumbas do Egito.

Posteriormente, Jesus é condenado à morte de acordo com as instruções dadas para torná-lo o *Karest*. Nenhum osso deveria ser quebrado. O verdadeiro *Karest* deveria ter todos os membros perfeitos. “Este é o que surge inteiro; quem os homens não conhecem é seu nome.”

Nos Evangelhos Jesus ressurge com todos os membros inteiros, exatamente como o perfeitamente conservado *Karest*, para demonstrar a ressurreição física da múmia. Mas, no original egípcio, a múmia se transforma. O morto diz: “Estou

espiritualizado. Estou tornado uma alma. Ergo-me como um Deus”. Esta transformação em imagem espiritual, o *Ka*, foi omitida nos Evangelhos.

A ortografia do nome como Chrest ou Chrêst em Latim é extremamente importante porque permite-me provar a identidade com o *Karest* ou *Karust* egípcio, o nome de Cristo como a múmia embalsamada, que era a imagem da ressurreição nas tumbas egípcias, o tipo de mortalidade, a semelhança de Hórus, que ressurgiu e caminhou para fora do sepulcro para aqueles que eram seus discípulos ou seguidores. *Ademais, este tipo Karest ou Cristo-Múmia é reproduzido nas Catacumbas de Roma.* Não foi encontrada nenhuma representação da suposta ressurreição histórica de Jesus em nenhum dos monumentos dos primórdios da era Cristã. Mas, ao invés desse fato ausente, encontramos a cena de Lázaro sendo levantado dos mortos. Isto foi apresentado e re-apresentado como a ressurreição típica quando nela não há nada de real! A cena não está exatamente de acordo com a ressurreição do túmulo no Evangelho. É puramente egípcia, e Lázaro é uma múmia egípcia! Portanto, Lázaro, em cada representação, é a múmia típica da ressurreição; Lázaro é o Karest, que era o Cristo egípcio e que é reproduzido pela arte Gnóstica nas Catacumbas de Roma como uma forma do Cristo Gnóstico, *que não era e não poderia tornar-se um personagem histórico.*

Adicionalmente, como a coisa é egípcia, é provável que o nome seja derivado do egípcio. Se assim o é, Laz (igual a Ras) significa ser levantado enquanto *aru* é a múmia por nome. Com a terminação grega *s* toma-se Lazarus. No decurso da humanização dos mitos, a representação típica da ressurreição encontrada nas tumbas de Roma e do Egito tomar-se-ia a história de Lázaro

ressuscitado dos mortos. Este tipo *Karest* do Cristo nas Catacumbas não está limitado a Lázaro.

Por meio do tipo *Karest* o Cristo e os Cristãos podem ser ambos reconhecidos nas antigas tumbas do Egito. A múmia era feita à semelhança do Cristo. Era o Cristo por nome, idêntico ao *Chrestoi* das Inscrições gregas. Assim, o morto honrado que ressurgia novamente como os seguidores de Hórus-Makheru, a Palavra de Verdade, são descobertos ser os Cristãos nos monumentos egípcios. O termo *Ma-Kheru* é sempre aplicado aos fiéis que ganham a coroa da vida e a usam no festival designado como “Vinde a mim” - um convite de Hórus, o Absolvador, àqueles que são os “Abençoados de seu pai, Osíris” - e que, tendo feito da Palavra de Verdade a lei de suas vidas tomaram-se Absolvidos – *hoi chrestoi*, os Cristãos na terra.

Numa representação do quinto século da Madona e seu filho, no cemitério de S. Valentino, a criança recém-nascida deitada numa caixa ou berço também é o *Karest*, ou tipo-múmia, posteriormente identificado como o bebê divino do mito solar pelo disco do sol e pela cruz do equinócio na parte traseira da cabeça da criança. Assim, nasce a criança-Cristo da fé histórica e visivelmente começa na imagem *Karest* do Cristo morto, que era o tipo-múmia da ressurreição no Egito por milhares de anos antes da era Cristã. Isto duplica a prova de que o Cristo das Catacumbas Cristãs era um sobrevivente do *Karest* do Egito.

Ademais, como mostra Didron, havia uma gravura do Cristo que tinha seu corpo *pintado de vermelho!*⁽³⁵⁾ Era tradição popular que o Cristo *tinha* aparência vermelha. Isto também pode ser explicado como sobrevivência do Cristo-Múmia. Era um modo aborígene de interpretar coisas *tabu* colorindo-as de vermelho. O defunto era pintado de ocre vermelho - uma maneira bastante

primitiva de se fazer a múmia, ou o unguido. Assim o Deus Pta conta Ramsés II que ele teve “*sua carne estilizada em vermelhão*”. Esta unção com ocre vermelho é chamada *Kura* pelos Maori, que igualmente fizeram o *Karest* ou Cristo.

Vemos a imagem-múmia continuada em outra linha de descendência quando aprendemos que, entre outras heresias perniciosas e pecados mortais dos quais os Cavaleiros Templários eram acusados, estava o costume ímpio de adorar uma Múmia de olhos vermelhos. Acredita-se que também seu Ídolo, chamado Baphomet, fosse uma múmia ... A Múmia foi a mais antiga imagem humana do Cristo.

Não duvido que os antigos festivais romanos chamados *Charistia* estivessem relacionados em sua origem com o *Karest* e a *Eucaristia*, como uma celebração em honra dos manes de seus bons amigos e parentes mortos, por amor aos quais reconciliavam-se amigavelmente reunindo-se uma vez por ano. É aqui, portanto, que devemos buscar a relação essencial entre o Cristo egípcio, os Cristãos e as Catacumbas romanas. Estes Mistérios Cristãos, ignorantemente explicados como inexplicáveis, podem ser explicados pelo Gnosticismo e pela Mitologia, e de nenhuma outra forma. Não é que sejam insolúveis pela razão humana, como pretendem seus explanadores incompetentes, embora muito bem pagos. É apenas a apologia pueril dos não-qualificados em razão de sua própria ignorância inevitável - esses que jamais possuíram a gnosis ou ciência dos Mistérios, pelos quais unicamente essas coisas podem ser explicadas de acordo com sua gênese natural. Apenas no Egito, podemos decifrar a questão a fundo, ou identificar a origem do Cristo por natureza e por nome, e descobrir, finalmente, que o Cristo era o tipo-Múmia e que nossa Cristologia é mitologia mumificada.” - *Agnostic Annual (Anual Agnóstico)*.

O que acabamos de citar é uma explicação baseada em evidências puramente científicas mas, talvez, um pouco *materialista* demais, exatamente por ser uma ciência, não obstante ser o autor um Espírita renomado. O Ocultismo puro e simples encontra os mesmos elementos místicos no Cristianismo como em outras fés, embora rejeite enfaticamente seu caráter dogmático e *histórico*. É fato que nos termos *Jesous ho Christos* (ver *Atos*, V, 42, IX, 34; I Coríntios, III, 11, etc.), o artigo *ho* designando “Christos”, prova que era simplesmente uma designação, como em Focion, a quem se refere como *Phokion ho chrestos* (Plut. V). Todavia, o personagem assim referido (Jesus) – em qualquer tempo que tenha vivido - foi um grande Iniciado e um “Filho de Deus”.

Pois, dizemos novamente, a designação Christos está baseado em, e a história da crucificação derivada de, elementos que a precederam. Em todos os lugares, na Índia como no Egito, na Caldéia como na Grécia, todas estas lendas foram moldadas a partir de um e mesmo tipo: o sacrifício voluntário dos *logoi* - os raios do único LOGOS, a emanção direta manifestada do UM Infinito e Desconhecido sempre oculto - cujos *raios* encarnaram na humanidade. Eles consentiram em *cair na matéria* e são, portanto, chamados de “Os Caídos”. Este é um dos grandes mistérios que dificilmente pode ser mencionado num artigo de revista mas que poderá ser consultado na íntegra num outro trabalho meu, *The Secret Doctrine (A Doutrina Secreta)* .

Após tantas coisas terem sido ditas a respeito, alguns fatos mais devem ser acrescentados à etimologia dos dois termos. *Christos* sendo o adjetivo verbal em grego de *chrio*, “ser friccionado” como *ungüento* ou bálsamo, e vindo a palavra a significar finalmente “o Ungido” na teologia Cristã; e *Kri*, em sânscrito, primeira sílaba do nome Krishna que significa, “derramar, untar, ou cobrir com”,⁽³⁶⁾ entre muitas outras coisas, pode nos levar facilmente a fazer de Krishna, “o unguento”. Os filólogos Cristãos tentam limitar o significado do nome de Krishna à sua derivação de *Krish*, “negro”; mas, se a analogia e comparação das raízes sânscritas com as gregas contidas nos nomes de Chrestos, Christos e *Chrishna* forem analisados mais cuidadosamente, descobrir-se-á que todos eles possuem a mesma origem.⁽³⁷⁾

“Em Christian Inscriptions (Inscrições Cristãs) de Bockh, perfazendo um total de 1.287, não existe absolutamente nenhum

exemplo datado de antes do século terceiro, onde o nome não esteja escrito *Chrest ou Chreist*.” [“*The Name and Nature of the Christ*” (*O Nome e Natureza de Cristo*), de G. Massey, *The Agnostic Annual* (Anual Agnóstico)].

Entretanto, nenhum desses nomes pode ser decifrado, como alguns Orientalistas imaginam, simplesmente com a ajuda da astronomia e o conhecimento dos signos zodiacais em conjunção com os símbolos fálicos. Porque, enquanto os símbolos siderais dos caracteres ou personificações místicas nos Purânas ou na Bíblia realizam funções astronômicas, seus anti-tipos espirituais governam invisivelmente, mas efetivamente, o mundo. Eles existem como abstrações num plano superior, como idéias manifestadas no astral, e tornam-se poderes masculinos, femininos e andróginos neste nosso plano inferior. Escorpião, como *Chrestos-Meshiac*, e Leo, como *Christos-Messiah* ante dataram de muito a era Cristã nas provas e triunfos de Iniciação durante os Mistérios. Escorpião é o símbolo destes últimos e Leão o do triunfo glorificado do “sol” da verdade. A filosofia mística da alegoria é muito bem interpretada pela autor de *The Source of Measures* (A Fonte das Medidas), que escreve:

“Compelindo-se (Chrestos) a descer à cova (de Escorpião, ou encarnação no ventre) pela salvação do mundo; era o Sol, despojado de seus *raios dourados* e *coroados de raios enegrecidos*⁽³⁸⁾ (simbolizando a perda) como os espinhos; *o outro* era o triunfante *Messias*, elevado no *zênite da arca do céu*, personificado como o *Leão da tribo de Judá*. Em ambos os exemplos, ele possuía a Cruz; uma vez em humilhação (como filho de uma cópula) e outra controlando-a, com a lei da criação, ele sendo Jeová - no esquema dos autores da Cristandade dogmática. Pois, como o mesmo autor mostra posteriormente, João, Jesus e mesmo Apolônio de Tiana, eram apenas sintetizadores da história do Sol “com diferenças de aspecto ou condição”.⁽³⁹⁾ A explicação, diz ele, “é bastante simples quando se considera que os nomes *Jesus*, em hebraico JSH e Apolônio ou Apolo são nomes semelhantes do *Sol nos céus* e, necessariamente, a história de um, com relação a suas viagens através *dos signos*, com as personificações de seus sofrimentos, triunfos e milagres, não poderia ser senão a *história do outro*, havendo um método muito difundido e comum de se descreverem essas viagens por personificação”. O fato de que a Igreja Secular foi fundada

por Constantino e que era parte de seu decreto “que o venerável dia do *Sol* deveria ser o dia reservado à adoração de Jesus Cristo como *Sun-day*”, mostra que era bem conhecido pela “Igreja Secular” “que a alegoria se apoiava em bases astronômicas”, como o autor afirma. Entretanto, novamente, a circunstância de que tanto os Purânas quanto a Bíblia estão cheias de alegorias solares e astronômicas, não antagoniza com o outro fato de que todas as escrituras semelhantes, adicionando essas duas, são livros *vedados* aos eruditos “possuidores de autoridade”. (!) E também não afeta a outra verdade: a de que todos aqueles sistemas *não são o trabalho de homem mortal*, nem são estes trabalhos invenção dele em suas origem e base.

Portanto, “Christos”, sob qualquer nome, significa mais que *Karest*, uma múmia, ou mesmo o “ungido” e o *eleito* da teologia. Os dois últimos termos aplicam-se a *Chrestos*, o homem de tristezas e atribulações, em suas condições físicas, mentais e psíquicas, e ambos se relacionam com a condição expressa pela palavra hebraica *Mashiac* (de onde Messia), conforme a palavra etimologizada⁽⁴⁰⁾ por Fuerst e pelo autor de *The Source of Measures* (A Fonte das Medidas), pág. 255. Christos é a coroa de glória do Chrestos sofredor dos mistérios, assim como do candidato à UNIÃO final, de qualquer raça ou credo. Ao verdadeiro seguidor do ESPÍRITO DA VERDADE, pouco importa, portanto, se Jesus, como homem e Chrestos, viveu durante a era chamada Cristã, ou antes, ou absolutamente nunca viveu. Os Adeptos, que viveram e morreram pela humanidade, existiram em muitas e todas as épocas, e muitos foram os homens bons e santos da antigüidade que possuíam a designação ou título de Chrestos antes de Jesus de Nazaré ou talvez Jesus (ou Jehoshua) Ben Pandira, nascer.⁽⁴¹⁾ Portanto, permite-se concluir, com boas razões, que Jesus, ou Jehoshua, foi como Sócrates, como Focion, como Theodoro e muitos outros designados por *Chrestos*, isto é, os “bons e excelentes”, os gentis e santos Iniciados, que indicaram o “Caminho” à condição de Christos, tomando-se “o Caminho” nos corações de seus admiradores entusiastas. Os Cristãos, como todos os “adoradores de Heróis” tentaram ofuscar todos os outros Chrestoi, que lhes pareciam rivais de *seu* Homem-Deus. Mas se a voz dos MISTÉRIOS permaneceu silenciosa durante muito tempo no mundo Ocidental, se Eleusis, Menfis, Antium, Delfos e Cresa têm há muito sido feitas as tumbas de uma Ciência outrora tão colossal no Ocidente quanto ainda o é no Oriente, existem sucessores atualmente sendo preparados para elas. Estamos em 1887 e o século dezenove está bem

próximo de seu final. O século vinte possui armazenados estranhos desenvolvimentos para a humanidade e pode, até mesmo, ser o último de sua autoridade.

NOTAS

18- A palavra *chreon* é explicada por Heródoto (7, 11, 7) como aquilo que um oráculo declara, e Plutarco (Nic. 14) dá à palavra *to chreon* significado como “destino”, “necessidade”. Ver Heródoto, 7, 215; 5, 108; e Sófocles, Phil. 437.

19- Ver Greek-English Lexicon de Liddell e Scott.

20- Conseqüentemente de um *Guru*, “um mestre”, e de um *chela*, “um discípulo” em suas relações mútuas.

21- Em seu recente trabalho - *The Early Days of Christianity* (Os Primeiros Tempos do Cristianismo) - Canon Farrar assinala: - “Alguns supunham a existência de um interessante jogo de palavras existente ... entre *Chrestos* (‘doce’, Salmos., XXX, IV, 8) e *Christos* (Cristo)”. (I. pág. 158, *nota de rodapé*). Mas nada há para ser suposto, uma vez que tudo começou com um “jogo de palavras” realmente. O nome *Christus* não foi “distorcido em *Chrestus*”, como o erudito autor faria seus leitores acreditarem (pág. 19), mas foi o adjetivo e substantivo *Chrestos* que se tornou distorcido em *Christus*, e aplicado a Jesus. Numa nota de rodapé a respeito da palavra “*Chrestian*” que aparece na Primeira Epístola de Pedro (cap. IV, 16) na qual nos Manuscritos posteriores *revisados* a palavra foi mudada para “*Christian*” (*Cristão*), Canon Farrar assinala novamente: “Talvez devêssemos ler a ignorante distorção pagã, *Chrestian*”. Certamente que deveríamos, pois o eloqüente escritor deveria lembrar-se de que a ordem de seu Mestre era de dar a César o que é de César. Não obstante seu descontentamento, o Sr. Farrar é obrigado a admitir que o nome *Cristão* foi primeiramente INVENTADO, pelos zombeteiros e sarcásticos Antioquianos, já em 44- A.D., mas não caíra ainda no uso geral antes da perseguição de Nero. “Tácito”, diz ele, “usa a palavra ‘Cristãos’ com algo de apologia. É fato conhecido que no Novo Testamento isto ocorre apenas três vezes e sempre envolvendo um sentido hostil (*Atos*, XI,

26, XXVI, .28 e também em IV, 16.” Não foi apenas Cláudio que considerou os Cristãos com alarme e suspeita, assim apelidados com menosprezo por terem carnalizado um princípio ou atributo subjetivo, mas todas as nações pagãs. Pois Tácito, falando a respeito das massas chamadas “Cristãos”, as descreve como um grupo de homens *detestados por suas barbaridades* e crimes. Não é de se admirar, pois a história se repete. Há sem dúvida, atualmente, milhares de nobres, sinceros e virtuosos homens e mulheres *nascidos-Cristãos*. Mas temos apenas de lançar uma olhadela à violência das conversões dos “pagãos” ao Cristianismo; à *moralidade* dos prosélitos na Índia, que os próprios missionários negam-se a tomar a seu serviço, para traçar um paralelo entre os convertidos de 1800 anos atrás e os modernos pagãos “tocados pela *graça*.”

22- Justino o Mártir, Tertuliano, Lactâncio, Clemente de Alexandria e outros grafam-na desta mesma forma.

23- Vide Greek and English Lexicon de Liddell e Scott. *Chrestos* é realmente aquele que é continuamente advertido, avisado e guiado seja por um oráculo seja por um profeta. O Sr. G. Massey equivoca-se ao dizer que “... a forma Gnóstica do nome Chrest, ou Chrestos, denota o *Bom Deus*, não um original humano”, pois a palavra denotava o último, isto é, um bom e santo homem; mas ele está bastante certo quando acrescenta que “*Chrestianus* significa ... “Doçura e Luz”. Os *Chrestoi*, como o *Bom Povo*, eram preexistentes. Numerosas inscrições gregas mostram que se aludia ao que se fora, ao herói, ao santo - isto é, ao “Bom” - como *Chrestos* ou o Cristo; e deste significado de ‘Bom’, que Justino, o principal Apologista, deriva o nome Cristão. Isto o identifica com a fonte Gnóstica e com o “Bom Deus” que revelou a si mesmo, segundo Marcion - isto é, o Un-Nefer ou Deus-revelador da teologia egípcia.” - (*Anual Agnóstico*.)

24- Novamente devo citar o que o Sr. G. Massey diz (a quem cito repetidamente pelo fato de haver estudado este assunto muito completa e conscientemente).

“Meu ponto de vista, ou melhor, explicação”, diz ele, “é que o autor do nome Cristão é o Cristo-Múmia do Egito, chamado o *Karest*, que era um tipo do espírito imortal no homem, o Cristo interno (como Paulo o diz), a divina descendência encarnada, o Logos, a Palavra da Verdade, o *Makheru* do Egito. Não se originou de um tipo comum! A múmia preservada foi o *corpo morto de qualquer um* que era *Karest*, ou mumificado, para ser

mantido pelos vivos; e, por constantes repetições, isto tornou-se um tipo de ressurreição a partir de (não dos) os mortos”. Veja a explicação disto posteriormente.

25- Ou Lydda. Refere-se aqui à tradição Rabínica na Gemara Babilônica, chamada *Sepher Toledoth Jeshu*, segundo a qual Jesus seria o filho de alguém chamado Pandira, e que teria vivido um século antes da era chamada cristã, isto é, durante o reinado do judeu Alexandre Jannaeus e sua esposa Salomé, que reinaram do ano 106 a 79 A.C. Acusado pelos judeus de haver aprendido a arte da magia no Egito e de ter roubado ao Santo dos Santos o Nome Incomunicável, Jehoshua (Jesus) foi condenado à morte pelo Sinédrio em Lud. Foi apedrejado e depois crucificado em uma árvore na véspera da Páscoa dos hebreus. A narrativa é atribuída aos autores Talmudísticos de “Sota” e “Sanhedrin”, pág. 19, Livro de Ezequiel. Ver “Isis Unveiled” (Isis Sem Véu) II, 201; Arnobius, Adv. Gentes, I, 43; *Science des Esprits (Ciência dos Espíritos)*, de Eliphas Lévi e “The Historical Jesus and Mythical Christ” (O Jesus Histórico e o Cristo Mítico), uma conferência de G. Massey.

26- “*Christianus quantun interpretatione de unctione deducitas. Sed ut cum perferam Chrestianus pronunciatu a vobis (nam nec nominis certa est notitia penes vos) de suavitate vel benignitate compositum est.*” Canon Farrar esforça-se grandemente por mostrar esses *lapsus calami* de vários Padres como resultado de desgosto e medo. “Pouca dúvida pode haver”, diz ele (em *The Early Days of Christianity*), “de que o nome Cristão ... foi um apelido astuciosamente engendrado pelos Antioquianos ... É bastante evidente que os escritores sagrados evitavam o nome (Cristãos) porque ele era empregado por seus inimigos (Tácito, Anais., XV, 44). Tornou-se comum apenas quando as virtudes dos Cristãos haviam lançado brilho intenso sobre ele.” Eis aí uma desculpa muito defeituosa e uma pobre explicação para ser dada por um pensador tão eminente quanto Canon Farrar. Quanto às “virtudes dos Cristãos” lançando *brilho intenso* sobre o nome, esperamos que o escritor não tenha tido em mente nem o Bispo Cirilo de Alexandria, nem Eusébio, nem o Imperador Constantino, de fama assassina, nem ainda os Papas Bórgia e a Santa Inquisição.

27- Citado por G. Higgins. (Ver Vol. I, pág. 569 - 573).

28- Nos dias de Homero, existia esta cidade, outrora celebrada por seus mistérios, e sede principal de Iniciação, e o nome de *Chrestos* era usado como título durante os mistérios. Ela é mencionada na *Ilíada*, III, 520, como “Krisa”. O Dr. Clarke suspeitou que

suas ruínas estivessem sob o lugar em que hoje existe *Krestona*, uma pequena cidade, ou melhor, uma vila, em Phocis, perto da Baía Crissaeana. (Ver E. D. Clarke, *Travels* (Viagem), 4º ed., vol. VIII, pág. 239 Delfos”).

29- A raiz de *Chretos* e *Chrestos* é a mesma; *chrao*, que significa “consultando o oráculo”, em um sentido, mas em outro “consagrado”, *separado*, pertencente a algum templo ou oráculo, ou devotado aos serviços do oráculo. Por outro lado, a palavra *chre* (*chreo*) significa “obrigação”, um “compromisso, dever” ou alguém que esteja sob a obrigação de promessas feitas ou votos tomados.

30- O adjetivo *chrestos*, também foi usado como adjetivo antes de nomes próprios como uma saudação, como em Platão, Teeteto pág. 166A, “*Houtos ho Sokrates ho chrestos*”; “*aqui Sócrates é o Chrestos*”; e também como designação, como mostra Plutarco (V. Focion), que deseja saber como um indivíduo tão rude e grosseiro quanto Focion poderia ter por designação *Chrestos*.

31- Há estranhos aspectos, bastante sugestivos, para um Ocultista, no mito (se é que se pode chamar de mito) de Jano. Alguns o fazem a personificação de *Kosmos*, outros de *Coelus* (céu), uma vez que ele possui “dupla face” por causa de seus dois caracteres de espírito e matéria; e ele não é apenas “Jano *Bifrons*” (de dupla-face) mas também *Quadrifrons* - o quadrado perfeito, o emblema da Deidade Kabalística. Seus templos foram construídos com *quatro* lados iguais, uma porta e *três* janelas de cada lado. Os mitólogos explicam esse tipo de construção como representando as *quatro* estações do ano e os *três* meses de cada estação e o todo como os doze meses do ano. Durante os mistérios de Iniciação, entretanto, ele tomou-se o Dia-Sol e a Noite-Sol. Por esta razão, ele é frequentemente representado com o número 300 em uma mão e na outra 65, ou o número de dias do ano Solar. Ora *Chanoch* (Kanoch e Enosh na Bíblia) é, como pode ser mostrado pelos fundamentos Kabalísticos, seja ele filho de Caim, Set ou Matusalém, um, e o mesmo personagem. Como *Chanoch* (de acordo com Fuerst), “ele é o *Iniciador, Instrutor* - do círculo astronômico e do ano solar”; como filho de Metusalém, que diz-se ter vivido 365 anos e ter sido levado vivo para os céus, como o representante do Sol (ou Deus). (Ver o Livro de Enoch). Este patriarca possui muitos aspectos em comum com Janus que, exotericamente, é Ion mas IAO kabalisticamente, ou Jehovah, o “Senhor Deus de

Gerações”, o misterioso Yod, ou UM (número fálico). Pois Janus ou Ion é também *Consivius*, um *conserendo*, porque presidiu a gerações. Ele é mostrado dando hospitalidade a Saturno (*Kronos* “tempo”), e é o *Iniciador* do ano ou do tempo dividido em 365.

32- *Stauros* tomou-se a cruz, o instrumento de crucificação, muito mais tarde, quando começou a ser representado como um símbolo Cristão e com a letra grega T, o Tau. (Luc. Jud. Voc.) Seu significado primitivo era fálico, um símbolo para os elementos macho e fêmea; a grande serpente de tentação, o corpo que deveria ser morto ou subjugado pelo dragão de sabedoria, o Chnouphis solar de sete vocalizações ou o Espírito de Christos dos Gnósticos, ou, ainda, Apolo matando Píton.

33- Mesmo nos dias de hoje na Índia, o candidato perde seu nome e, como também na Maçonaria, sua idade (monges e freiras também mudam seus nomes na ocasião em que aceitam a ordem ou voto), e começa a contar seus anos a partir do dia em que é aceito como chela e ingressa no ciclo de iniciações. Assim Saul era “uma criança de um ano” quando começou a reinar, embora fosse adulto feito. Ver 1 Samuel cap. XIII, 1, e os pergaminhos hebreus sobre sua iniciação.

34- Demóstenes, “De Corona”, 313 declara que os candidatos à iniciação nos mistérios gregos eram ungidos com óleo. Ainda o são na Índia, mesmo na iniciação aos mistérios *Yogi* - sendo usados vários unguentos.

35- *Por que ele é cabalisticamente o novo Adão, o “homem celestial” e Adão foi feito de terra Vermelha.*

36- Daí a memorização da doutrina durante os MISTÉRIOS. A mônada pura, o “deus” encarnando e tornando-se *Chrestos*, ou homem, em sua provação na vida, umas séries dessas provações levam-no à *crucificação da carne* e finalmente à condição de Christos.

37- Baseados em fontes seguras, a derivação da palavra grega *Christos* provém da raiz sânscrita *ghrish* = “*fricção*”; assim: *ghrish-a-mi-to*, “*friccionar*”, e *ghrish-ta-s* “*esfolado, machucado*”. Ademais, *Krish*, que, num sentido, significa arar e fazer sulcos, significa também causar dor, “*torturar, atormentar*”, e *ghrish-ta-s* “*friccionando*” - todos estes termos relacionando com as condições de *Chrestos* e *Christos*. Deve-se *morrer em*

Chrestos, isto é, matar-se a própria personalidade e suas paixões, para fazer desaparecer toda idéia de separação do “Pai”, o Espírito Divino no homem, para tornar-se um com a eterna e absoluta *Vida e Luz* (SAT), antes de se poder atingir o estado de *Christos*, do homem regenerado, do homem em liberdade espiritual.

38- Convidamos novamente os Orientalistas e Teólogos a lerem e estudarem a alegoria de Visvakarman, o “Onisciente”, o Deus Védico, o arquiteto do mundo, que sacrificou a si mesmo *para si mesmo* ou o mundo, após haver oferecido todos os mundos, *que são ele mesmo*, num “Sarva Madha” (sacrifício geral) - e meditado sobre isso. Na alegoria Purânica, sua filha *Yoga-siddha* “Consciência Espiritual”, esposa de *Surya*, o Sol, queixa-se a ele da enorme resplandecência de seu marido; e Visvakarma, sob o aspecto de *Takshaka*, “cortador de madeira e carpinteiro”, colocando o Sol sobre seu torno, corta-lhe uma parte de seu esplendor. *Surya* aparece, após isto, coroado com espinhos escuros ao invés de raios e torna-se *Vikârttana* (“espoliado de seus raios”). Todos estes nomes são termos usados pelos candidatos quando atravessam as provas de Iniciação. O Iniciador-Hierofante personificava Visvakarman, o pai e o artífice líder dos deuses (os adeptos na terra); e o candidato - *Surya*, o Sol, que devia matar todas as suas paixões ardentes e usar a coroa de espinhos *enquanto crucificava seu corpo* antes de poder ascender e renascer para uma nova vida como a glorificada “Luz do Mundo” - *Christos*. Nenhum Orientalista parece ter sequer percebido a sugestiva analogia existente, muito menos a possibilidade de aplicá-la!

39- O autor de “The Source of Measures” (A Fonte das Medidas), acha que isto “serve para explicar por que razão a *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato, foi tão cuidadosamente impedida de ser traduzida e passar à leitura popular”. Aqueles que a estudaram no original foram forçados a comentar que, “ou a *Vida de Apolônio* foi tirada do Novo Testamento ou que as narrativas do Novo Testamento foram extraídas da *Vida de Apolônio* em virtude de manifestas igualdades de *recursos de construção* das narrativas. (Pág. 260).

40- “A palavra *shiach* é em hebraico a mesma palavra usada como forma verbal significando *descer à cova*. Como substantivo significa *lugar de tormentos*, cova. O particípio *hifil* desta palavra é *Messiach*, ou a palavra grega *Messias*, *Cristo*, e significa

“aquele que permite-se descer à cova” (ou inferno, no dogmatismo). Em filosofia esotérica este descer à *cova* tem o mais misterioso dos significados. Diz-se que o Espírito “Christos” ou melhor o “Logos” (leia-se Logoi) “desce à cova” quando encarna, *nasce como* homem. Após haverem roubado *Elohim* (ou deuses) de seu segredo, o *pro-criador* “fogo de vida”, os Anjos de Luz são lançados à cova ou abismo de matéria, chamado *Inferno*, ou cova sem fundo, pelos gentis teólogos. Isto em Cosmogonia e Antropologia. Durante os Mistérios, entretanto, é o *Chrestos*, *neófito*, (como homem), etc., que devia descer às criptas de Iniciação e provações e, finalmente, durante o “sono de Siloam” ou a condição de *transe* final, durante as horas nas quais o novo Iniciado teria os últimos e finais mistérios revelados a ele. Hades, Scheol, ou Patala, são todos um só. Acontece o mesmo atualmente no Oriente como acontecia a dois mil anos atrás no Ocidente, durante o MISTÉRIOS.

41- Vários clássicos testemunham este fato. Luciano, c. 16, diz “*Phokion ho chrestos*”, e “*Phokion ho epiklen*” (*legomenos*, designados) “*chrestos*”. Em Fedro pág. 266 E, está escrito “referes-te a Theodoro, o Chrestos”. “*Ton chreston legeis Theodoron.*” Plutarco mostra o mesmo; e “*Chrestos*” - Chrêstos é o nome próprio (ver a palavra em Thesaur. Steph.) de um orador e discípulo de Herodes Atticus.